

O ENFERMEIRO ESPECIALISTA EM SAÚDE INFANTIL E PEDIATRIA

Permitam-me começar por agradecer o convite endereçado ao Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa, para estar hoje aqui presente, bem como me congratular por esta iniciativa do grupo do Instituto CUF, onde nos encontramos para falar sobre uma motivação e preocupação comuns – os cuidados de enfermagem á criança e família.

Gostaria ainda de cumprimentar os restantes colegas que integram esta mesa de debate, bem como todos os presentes.

Ao reflectirmos sobre esta abrangente e desafiante temática, e conscientes da impossibilidade de poder aqui abordar a totalidade dos seus aspectos relevantes, optamos por fazer uma breve incursão no passado, com as referências aos aspectos iniciais do cuidado à criança, e também á formação especializada no nosso país.

Estes conduzem - nos á reflexão sobre o presente, donde destacamos os desafios emergentes para os enfermeiros que cuidam de crianças, levando-nos por seu lado a perspectivar de alguma forma o futuro, através da problematização sobre as competências específicas do enfermeiros de Saúde Infantil e Pediatria

➔ A história conta-nos que desde muito cedo os enfermeiros se interessaram e dedicaram ao cuidado das crianças.

Ao percorrer o passado, vemos inclusivamente que os cuidados de enfermagem á criança constituíram um das áreas de cuidados especializados mais antigos (referimo-nos em particular ás enfermeiras puericultoras), denotando desde cedo serem compreendidas e valorizadas pelos enfermeiros as necessidades infantis e suas particularidades.

Neste sentido, são ainda inúmeros os exemplos destes cuidados efectuados nos primórdios, apesar de sempre acompanhados de poucos recursos e reduzido conhecimento.

➔ Em face desta situação, vai sendo sentida a necessidade premente de aumento do conhecimento específico, sendo tal facto evidenciado e de forma muito concreta, através da procura de formação especializada, que os enfermeiros têm vindo a evidenciar desde a década de oitenta.

Deste modo, e sempre impulsionado pela procura de uma prestação de cuidados de excelência, o caminho da assistência de enfermagem pediátrica prosseguiu, e fomos assistindo a uma evolução notável do conhecimento da disciplina de enfermagem em geral, e da área da SIP em particular, a par de idêntica evolução de algumas outras importantes ciências que com ela se inter-relacionam.

Com efeito, a investigação produzida na disciplina de enfermagem, particularmente na área da SIP, mas também sustentada por todo o conhecimento emanado de outras áreas do saber, aporta aos cuidados de enfermagem pediátricos a base científica que permite sustentar as suas práticas.

Como exemplos paradigmáticos desta realidade, destacamos entre outros:

- A inevitabilidade de encarar a criança/família como binómio inseparável na nossa concepção de cuidados;
- A procura em evitar o internamento hospitalar da criança, com a utilização de contextos alternativos de atendimento, ou na sua impossibilidade a redução máxima do seu tempo de internamento;
- O acompanhamento permanente da criança nas unidades de saúde por mãe, pai ou outro significativo.

➔ Mas hoje, somos confrontados com algumas realidades, absolutamente exigentes e desafiadoras para os enfermeiros que assistem criança e família ao nível dos diferentes contextos, e que urge atentar de forma responsável e frontal.

Com efeito, a sociedade apresenta-se exigente sob diversas perspectivas, donde podemos destacar:

A dificuldade dos pais na transição e no desempenho do papel parental

Com efeito, conseguimos assumir o quanto a experiência de ser pai/mãe se revela como um dos principais, importantes e desafiadores papéis na vida de um indivíduo.

Mas hoje, constatamos paralelamente o quanto os pais tem dificuldade no desempenho desta missão, que facilmente reconhecemos como árdua.

Consideramos então, que conhecer e compreender esta experiência dos pais é especialmente importante para os enfermeiros responsáveis pela saúde da criança, cujo papel é apoiar os pais na sua parentalidade – Precisamos então de ajudar os pais a serem pais!

A abrangência da idade pediátrica

Reconhecidamente os cuidados que prestamos, desenvolvem-se em torno de uma fase crucial do ciclo vital, compreendendo o período que medeia do nascimento até aos 18 anos.

Surgem no entanto, algumas orientações no panorama internacional, que incluem na população pediátrica todas as crianças até aos 21 anos de idade, e indivíduos com mais do que esta idade, até que a transição apropriada para a vida adulta esteja conseguida com sucesso¹, ou mesmo existem argumentos para que em circunstâncias especiais (doença crónica e/ou incapacidade), a assistência pediátrica, se consensual para o cliente, família e profissional, poderá continuar a ser a melhor fonte de cuidados após os 21 anos².

A prestação de cuidados à criança/família em diferentes contextos assistenciais

Também hoje, nos deparamos com uma realidade assistencial pediátrica bastante diversificada, numa tentativa de dar resposta às múltiplas necessidades de cuidados de saúde sentidas pelas crianças e família. Referimo-nos entre outros por ex., às unidades de atendimento urgente, as quais podemos nomear a Walk- In Clinic Pediátrica do ICUF.

¹ National Association of Paediatric Nurse Practitioners (NAPNAP)

² American Academy of Paediatrics

Estes contextos exigem uma resposta de cuidados de enfermagem simultaneamente competente, rápida e eficaz, aportando não raras vezes um cariz de grande complexidade a tais situações.

Não podemos igualmente esquecer, o quanto os enfermeiros neste contexto são impelidos á utilização de estratégias de inter-relação e comunicação com a criança e família, revestidas de elevada exigência e determinantes no sucesso do atendimento.

A necessidade de cuidar no domicilio

No seguimento do aspecto anterior, surge também na nossa realidade o contexto domiciliário do cuidado ás crianças. Com efeito, em face por um lado da tentativa de evitar o internamento da criança, bem como também o aumento da esperança de vida da criança com doença crónica, exigem da comunidade uma resposta mais eficaz na assistência a estas crianças, fundamentalmente na preparação e acompanhamento dos pais, para que possam com conhecimento e em segurança, cuidar a sua criança em casa.

Para tal, os enfermeiros terão que se mostrar cientes e preparados para este cuidado da criança no seu ambiente familiar, tendo os pais como cuidadores de eleição a quem nos cabe apoiar, no sentido lato do termo.

⊗ Em face de tudo isto, acreditamos contudo, que os enfermeiros detêm uma posição privilegiada para responder a estes reais desafios, bem como a alguns outros que podemos vislumbrar num futuro não muito longínquo.

Mas, simultaneamente (e sem receio de soar exagerado...), somos levados a classificar estas diferentes situações, como de elevada exigência e complexidade, fazendo tal facto emergir a necessidade de uma assistência de enfermagem capaz de respostas adequadas.

➤ Na nossa perspectiva, a resposta a tais complexos e exigentes desafios, reside nos cuidados de enfermagem á criança e família prestados pelo enfermeiro especialista em SIP.

Ao enfermeiro especialista o REPE (DL nº 161/96 de 4 de Setembro) refere ser-lhe reconhecida "*competência científica, técnica e humana para prestar além de cuidados gerais, cuidados de enfermagem especializados na área da sua especialidade.*"

Reconhecemos ainda que ao enfermeiro especialista cabe o aprofundamento do conhecimento e a aquisição de competências num domínio específico de enfermagem, resultando numa profunda compreensão da pessoa e dos processos de saúde/doença, num amplo entendimento das respostas humanas em situações específicas, conduzindo a intervenções de elevado nível de adequação às necessidades de cada indivíduo.

O enfermeiro especialista em SIP, poderá então ser entendido como um perito na concepção e gestão dos cuidados á criança e família, já que detém um entendimento profundo sobre as respostas da criança aos processos de vida e problemas de saúde. Neste sentido, é capaz de implementar soluções com elevada adequação ás necessidades da criança/família, efectuando o diagnóstico, prescrevendo as intervenções e avaliando a sua eficácia.

Sabemos que as diferentes comissões de especialidade da Ordem dos Enfermeiros se encontram num empenhado trabalho de análise e reflexão, no sentido da obtenção do modelo de individualização das especialidades em enfermagem, bem como na determinação das competências específicas para cada área de especialização, nomeadamente do enfermeiro especialista em SIP.

Aguardamos com elevada expectativa as definições que emanarão do trabalho dos enfermeiros, podendo no entanto e sem receios, vislumbrar que ao enfermeiro especialista em SIP estarão confiadas competências que contemplam:

- ✓ Um conhecimento científico profundo e específico da sua área de especialidade, no qual sustenta a sua prática de cuidados;
- ✓ Uma prestação de cuidados de enfermagem á criança/família em situações de particular complexidade, determinando respostas de elevado grau de adequação ás suas necessidades;
- ✓ O reconhecimento da criança como elemento participativo na tomada de decisão do seu processo de saúde, bem como a valorização dos pais como primeiros prestadores de cuidados.
- ✓ O suporte e assistência da criança/família nos processos de transição e adaptação tendo em conta os seus projectos de saúde, conducente á maximização do potencial de crescimento e desenvolvimento da criança e jovem.

Permitam-me no entanto relembrar, que a par deste indispensável atributo de COMPETÊNCIA, e evocando Simone Roach os enfermeiros deverão continuar a cuidar a criança e família com

CONSCIÊNCIA

CONFIDENCIA

COMPAIXÃO

COMPROMISSO